

## ENTRE AS DUNAS:

### Uma busca pela Cultura Lúdica na Vila Itaúnas (ES) valorizando a memória

Fernanda Celinga Siqueira – UFES<sup>1</sup>

Carlos Nazareno Ferreira Borges – UFES<sup>2</sup>

#### Resumo

O artigo corresponde a um recorte do estudo em andamento no Mestrado em Educação Física que busca compreender as fronteiras e fluxos existentes no hibridismo entre dois elementos da cultura Lúdica<sup>3</sup> da comunidade da vila, o forró e os movimentos de resistência cultural, como o Ticumbi, a Folia de Reis, o Alardo e o Jongô. As discussões aqui apresentadas trazem os diálogos decorrentes da memória como contribuinte do patrimônio Cultural, visto que o patrimônio cultural de Itaúnas é base de sustentação da identidade da comunidade, do povo e do lugar, além de ser a riqueza que dinamiza as possibilidades de existência da vila mobilizando-os a nutrir-se de seu passado. A identidade desse povo e desse lugar é a riqueza que dinamiza as possibilidades de existência da comunidade, nutrindo-se de seu passado, pois em Itaúnas a memória é o seu principal legado cultural (RICCO e ETCHEBEHERE JUNIOR, 2007).

No início do século XX, a vila de Itaúnas era um povoado próspero, com cerca de 1.500 moradores distribuídos em 340 casas em 1940 e importante centro comercial da região (FERREIRA, 2002). O desmatamento da vegetação local pelos os moradores e comerciantes da Vila acarretou a perda da vegetação local, deixando que o vento trouxesse a areia que encobriu a antiga vila entre 1940 e 1950. A vila renasceu do outro lado do rio e atualmente o turismo representa sua maior fonte de renda. Além da bela paisagem, a vila é famosa por ser um reduto do forró e por sediar o festival anual de forró (Fenfit) que atrai milhares de jovens, especialmente universitários da região sudeste. Portanto, o forró parece ser uma importante expressão da cultura lúdica da vila.

Nas vistas feitas em 2009 e 2010, constatamos que há provas que Itaúnas seja denominada como um “lugar” do forró, embora haja evidências também de que o forró

---

<sup>1</sup> Mestrando em Educação Física – UFES – e-mail: nanda\_celsyz@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Professor Doutor Orientador – UFES – e-mail: naza\_para@yahoo.br

<sup>3</sup> Entendemos cultura Lúdica como *expressão humana de significados da/ na cultura referenciada no brincar consigo, com o outro e com o contexto*. Por essa razão, o lúdico reflete as tradições, os valores, os costumes e as contradições presentes em nossa sociedade. Assim, é construído culturalmente e cercado por vários fatores: normas políticas e sociais, princípios morais, regras educacionais, condições concretas de existência. (GOMES *apud* GOMES, 2004).

de espetáculo acontecendo eventualmente, não sendo apropriado pela população como uma manifestação cultural representativa da vila, apenas sendo aceita em função da contribuição econômica. Já, os movimentos de resistências culturais como o Ticumbi, a Folia de Reis, o Jongo, o Alado, são manifestações que dão a conhecer elementos da cultura local que se mantém como formas de resistência cultural. Assim, seria neste meio de relações diversificadas que pretendemos valorizar o rico patrimônio cultural através dos relatos que representam a memória da vila de Itaúnas (ES).

Palavras Chaves: Cultura Lúdica, Fronteira e Memória.

## 1) Introdução: A Vila

A Vila de Itaúnas faz parte do município de Conceição da Barra, ES, ao norte do Espírito Santo na divisa com a Bahia, distante 256 km de Vitória, capital do Estado do Espírito Santo, encontrando-se entre os limites do Parque Estadual de Itaúnas (PEI) e eucaliptos plantados em larga escala.

Segundo Ferreira (2002), na documentação escrita, os primeiros registros históricos de Itaúnas datam de viagem de reconhecimento e estudos do príncipe Maximiliano<sup>4</sup>, entre 1815 e 1817, uma entre as muitas realizadas durante o século XIX pelas terras do Brasil. Ao caminhar pela região entre a Bahia, o Rio de Janeiro e Minas Gerais, o naturalista descreve o trecho que vai do rio Doce, em Linhares, no Espírito Santo, ao rio Alcobaça, em Caravelas, Bahia. A autora ainda destaca que na peregrinação, ovos de tartaruga, choças dos índios feitas de folhas de palmeira, grandes florestas abundância de jacarandá, vinhático, putumunju, sergueira e outras madeiras úteis, dão o testemunho das características genuínas da região, farta em florestas, água, alimentos e grupos indígenas (2002).

A primeira Vila formou-se entre o rio Itaúnas e o mar, em terreno antes pertencido à Fazenda das Itaúnas. Conta-se que era um povoado próspero, com cerca de 1.500 moradores distribuídos em 340 casas em 1940 e importante centro comercial também procurado pela população do “sertão” de Itaúnas, como era chamada a região rural (FERREIRA, 2002). O pequeno povoado da região foi crescendo em função da fabricação da farinha e exploração da madeira incentivada a princípio pelo Barão de Timbuy, até o morro de Dantas, hoje município Pedro Canário<sup>5</sup>.

Segundo a reportagem feita por Heloisa Dias Figueiredo e Rômulo Cabral de Sá, publicada na Revista Instituto Jones Santos Neves em 1985, na qual foram entrevistados alguns moradores da região com intuito de registrar a versão dos moradores sobre a

---

<sup>4</sup> De acordo com COSTA (2008), o Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied percorreu os atuais estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais e Bahia, entre os anos de 1815 e 1817. A autora relata que o príncipe era oriundo de Neuwid, principado que já havia sido incorporado à Prússia, veio ao Brasil, segundo seu diário, com o intuito de ampliar o conhecimento sobre história natural e geografia.

<sup>5</sup> Pedro Canário \_ Em 23 de dezembro de 1983, Pedro Canário foi emancipado pela Lei nº 3.623 e tornou-se o 58º município do Estado do Espírito Santo. Teve seu primeiro processo eletivo em 16-12-84 e foi definitivamente instalado em 12-01-85. Atualmente, o município contém 22.455 habitantes, segundo IBGE.

Extraído

de:

[http://pedrocanario.com/index.php?option=com\\_content&task=view&id=17&Itemid=15](http://pedrocanario.com/index.php?option=com_content&task=view&id=17&Itemid=15).

história da vila, o nome Itaúnas significa em Tupi *pedra preta*, dado devido às pedras escuras encontradas no leito do rio ou devido aos recifes de cor escura, da praia.

A reportagem de Figueiredo e Sá (1985) também destacou que a maioria dos habitantes da vila possuía pequenas propriedades, de 40 a 100 alqueires, nos arredores da vila, e além da mandioca, se plantava abóbora, laranja da terra, etc., e alguns criavam gado, galinhas e porcos para subsistência. Assim, a dieta alimentar era complementada com carne de caça e com o pescado do rio e do mar. Ferreira (2002) destaca que além de centro comercial, a Vila era o lugar do encontro, das noites de forró e das festas religiosas, onde algumas gentes da roça tinham uma casa para pernoitar nos finais de semana. Inserida em clareira no meio da mata de restinga, a Vila era formada por duas ruas principais com residências, comércios, a Igreja, o Cemitério e o Porto.

Os antigos habitantes da vila, acostumados nas farturas e nos festejos, não poderiam imaginar que o destino da vila seria transformado com a degradação da vegetação de restinga entre a vila e a praia, aproximadamente 8 km, segundo alguns moradores. O fenômeno de deslocamento das dunas chegou a soterrar toda a vila, obrigando a dispersão dos seus moradores. Os mais carentes se fixaram do outro lado do rio, fundando a nova vila de Itaúnas que possuía em 1985 apenas 350 habitantes fixos (FIGUEIREDO e SÀ, 1985).

Com o soterramento da vila, seus moradores foram obrigados a transferir as casas da vila. Na vila nova, os moradores ainda subsistiram basicamente da pesca, sendo que alguns trabalham na Acesita<sup>6</sup>, Aracruz Celulose<sup>7</sup> e fazendas da região. A maioria das terras (roças), nos arredores da vila antiga, foi vendida e originou algumas das atuais fazendas de gado, café e locais de plantio de eucalipto. Assim, ocorreu a destruição da economia de subsistência e o êxodo rural para vila (FERREIRA, 2002). Embora a nova vila de Itaúnas tenha sido construída nos mesmos moldes, seguindo os traços culturais tradicionais da comunidade, permanece a saudade da vila Antiga.

Desde a década de 80, a vila começou a registrar o turismo “alternativo” como uma forma de renda. Fato este confirmado pelo número crescente de bares, restaurantes e aluguéis de casa e quartos, gerando uma renda aos moradores. Com o fluxo de turistas aumentando, a vila passou a ser procurada por pesquisadores, jovens universitários e aventureiros (FIGUEIREDO e SÀ, 1985). Já no final desse período, existiam na pequena Vila 156 residências de uso permanente e 87 residências sazonais. Nessa época, o baixo fluxo de turistas era também evidenciado pelo número de pousadas existentes 05 (cinco) e por somente 20 (vinte) outros estabelecimentos comerciais diversos (MARTINS e MOLINA, 2008).

No final da década de 90 e nos três primeiros anos do século XXI, o fluxo turístico aumentou vertiginosamente. Tal aumento acelerado do turismo se deveu à elevada divulgação do local nos meio de telecomunicação, à coexistência de diferentes

---

<sup>6</sup> Acesita\_ A então Acesita é fundada, em 31 de outubro, pelos engenheiros Amyntas Jacques de Moraes, Percival Farquhar e Athos de Lemos Rache no então povoado de Timóteo, às margens do Rio Piracicaba, Minas Gerais. Entre 2001 e 2002 é criada a Arcelor 1 – resultado da fusão dos grupos europeus Usinor, Arbed e Aceralia, formando, à época, o maior complexo da siderurgia mundial, que incorpora a antiga Acesita. Extraído de: [http://www.arcelormittalinoxbrasil.com.br/port/empresa/hist\\_anos40.asp](http://www.arcelormittalinoxbrasil.com.br/port/empresa/hist_anos40.asp).

<sup>7</sup>Aracruz Celulose\_ Atualmente a empresa Aracruz Celulose foi se fundiu à Votorantim Celulose e Papel, formando a Fibria, desde 28 de agosto de 2009. Extraído de: [http://www.aracruz.com.br/show\\_press.do?act=news&id=1000873&lang=1](http://www.aracruz.com.br/show_press.do?act=news&id=1000873&lang=1).

tipos de turismo, como o turismo de aventura e também ao forró (FENFIT, conforme mencionaremos adiante), atraindo os frequentadores em sua maioria jovens (MARTINS e MOLINA, 2008).

Apesar do objeto central desta pesquisa seja a investigação de quais as fronteiras entre os movimentos de resistência cultural em Itaúnas, representado pelos grupos de manifestações tradicionais, e o movimento de desenvolvimento. Focalizaremos neste artigo a relação que a memória terá nesta pesquisa, visto que, um dos métodos de coleta de dados será a Histórias Orais dos moradores que viveram em Itaúnas velha e residem na nova vila de Itaúnas, além dos moradores que participaram diretamente da reorganização territorial.

As palavras trazem o passado para o presente de maneira viva, pessoal e peculiar, representando a história de forma extraordinariamente como foi vivida pelos locutores e seus antecessores, suas percepções sociais do fato e seus significados, e a fonte oral permite desafiar essa subjetividade: descolar as camadas de memória, cavar fundo no passado, na expectativa de atingir a verdade oculta (THOMPSON, 1992). Assim, os convidamos para mergulhar nesse universo da memória.

## **2) O Foco**

Este artigo apresenta como um recorte de uma pesquisa de dissertação em andamento que busca compreender os usos e contra-usos da cultura lúdica em Itaúnas (ES) visando entender a constituição desta vila como um lugar e não lugar através dos usos e possíveis contra-usos que ali são feitos dos elementos mais significativos da cultura lúdica local. Desta maneira, podemos perceber que Itaúnas se torna um lugar para os nativos porque estes fazem usos dele, mas também se apresenta como um lugar para os visitantes que também fazem usos daquele espaço. Assim, quando o uso do nativo será conta-uso do turista e vice-versa? Para tanto buscaremos a interpretação dos limites e fronteiras entre estes elementos envolvidos.

Este artigo tem por finalidade apresentar a investigação feita sobre a história da cultura lúdica da vila de Itaúnas e como essa cultura lúdica vem sendo apresentada atualmente na vida dos moradores da vila e tentamos nos apropriar das possíveis transformações/ aproximações da cultura lúdica decorrente tanto da mudança econômica, sócio e espacial da vila como também da relação entre a mercantilização cultural e a cultura popular.

## **3) Procedimentos Metodológicos**

Na busca da compreensão de quais as fronteiras entre os movimentos de Para a construção deste optamos por mesclar a pesquisa bibliográfica com as informações obtidas junto aos moradores que chegaram a residir na antiga Vila e os habitantes que auxiliaram a construção da nova Vila, isto é, moradores acima de 60 anos de idade elencados segundo os nomes que foram encontrados em registros históricos e indicações dos próprios moradores, ou seja, de acordo com a representatividade dentro da comunidade.

Na tentativa de observar a minúcias das atividades ligadas a cultura lúdica, estão sendo utilizadas estratégias da pesquisa etnográfica, como a descrição densa e observação detalhada segundo Geertz (1989), além das incursões à vila se distribuíram

entre os períodos de destaque midiático (Festival de Forró e Festa de São Sebastião e São Benedito) para vila em períodos normais durante ano.

A memória neste trabalho será tratada como um saber do patrimônio cultural, pois as lembranças são reconstruções a partir do presente, engajando com as relações que foram vividas (HALBWACHS, 2006). Assim, através dessas lembranças, das observações da vida diária dos moradores e dos períodos festivos comporemos os dados que constituirão esta pesquisa.

#### **4) A Relação entre a Memória e a Cultura Popular na vila**

Edmund Leach (2005) destaca que os mitos e histórias são representações do tempo. Mas este tempo não pode ser tocado, nem ouvido, somente pode ser percebido através da repetição, do envelhecimento e da velocidade dos fatos vividos. Uma abstração que nos toma em acontecimentos diários, quase que nos fazendo objetos, marionetes do tempo.

O autor ainda ressalta que os homens marcam seus calendários através de festivais, *Ritos de Passagem*, que marcam o desenvolvimento social dos indivíduos de forma repetitiva, progressiva e contínua. Assim, a celebração da cultura popular pode preencher uma função de ordenação do tempo e de manutenção da memória. Segundo esse ponto de vista descrito por Leach (1996), deve-se imaginar o mito e a tradição basicamente como uma sanção ou justificação de uma ação ritual, que por sua vez, reflete a estrutura social, mas é também uma recapitulação do mito. Desta forma, o mito e o ritual são complementares e servem para perdurar uma ao outro.

Há certa valorização dos nossos arquivos, simbolizados pelas fotografias, objetos e relíquias guardados com cuidado para sempre relembrarmos, pois estes nos colocam em contato com a pura historicidade, dando a existência física á história, despertando os sentimentos vividos naqueles instantes que nos marcaram. Ao celebrar a cultura popular que é ensinada segunda tradições, mitos e memória, celebra-se o recordar e apropria-se o passado no presente, resignificando-o através da tradição.

Contando com as contribuições de Shallins (1985) ao destacar a estrutura que se constrói e se reforma num processo dialético entre a solidificação e liquidificação, compreende-se que a história é ordenada culturalmente de diferentes modos nas diversas sociedades, de acordo com os esquemas de significação das coisas. O contrário também é verdadeiro: esquemas culturais são ordenados historicamente porque, em maior ou menor grau, os significados são reavaliados quando realizados na prática, seria uma desconstrução e uma reconstrução permanentemente. Para este autor, cultura seria uma síntese entre diacronia e sincronia.

As Manifestações Culturais se inscrevem na cultura popular, dentre outros fatores, devido o seu caráter de localidade. Os populares investem toda sua energia em suas manifestações, para garantir a expressão de suas necessidades, anseios e aspirações, já que a cultura configura-se como o seu principal veículo de construção de uma identidade própria, por exemplo, a festa (MAGNANI, 2003). Desta forma, as manifestações culturais seriam momentos de revelar e interagir, dialeticamente, com as diversas culturas que a compõem, com o passado dos seus antecessores, com a memória.

É fato que temporalidade das festas populares é marcada pela preocupação dos “participantes” em preservar um legado de crenças, hábitos, elementos alegóricos (memória), tidos como fundamentais na significação/ caracterização/ composição da festa como acontecimento. Neste ponto, a tradição popular segundo o pensamento de Hobsbawm seria uma herança traduzida no futuro do povo, dando uma continuidade, ainda que falseada da história.

Em Itaúnas um exemplo de manifestação popular que faz parte da história e da memória seria o Ticumbi ou Baile de Congo, uma festa dedicada a São Benedito e São Sebastião em Itaúnas regada de cantos e danças, sendo visto como ‘devoção’ pelos habitantes da vila que o compõem. As narrativas desta festa aparecem como construções discursivas acerca da identidade, neste caso, mais especificamente acerca da identidade do habitante da vila de Itaúnas. Assim, o Ticumbi ou Baile de Congo seria um momento de devoção, esperado ansiosamente pelos participantes e pela população que os assiste, um momento de enfatizando suas origens africanas e ‘tradições’, perpetuando uma identidade e territorialidade (PORTO, 2006).

De acordo com Medeiros (1984) o Ticumbi tem origem num velho tronco familiar, vindo do quilombo existente em Nossa senhora de Santana, distrito de Conceição da Barra. Fonseca (1993) salienta que Ticumbi ou Baile de Congo de São Benedito havia se espalhado pelo Brasil desde Pernambuco até o Rio de Janeiro, denominado Ticumbi, Cacumbi, Cucumbi, cujos significados são: O Palácio, A casa, O templo do Rei.

Segundo Seu Antero (Pulquério Alves dos Santos), em entrevista a Figueiredo e Sá (1985), desde a antiga vila as festas de São Sebastião eram comemoradas com procissão, missa e a brincadeira do Alardo (encenação da luta entre mouros e cristãos) e que nas festas de São Benedito, além da missa e procissão, fazia-se o Baile de Congo (Ticumbi). As festas eram organizadas pelos festeiros, os quais eram responsáveis pelas comidas, bebidas, enfeites e “foguetório”. Os dias de celebração dos santos são bem próximos, dia 19 de janeiro é comemorado o dia de São Benedito<sup>8</sup> e no dia 20 de Janeiro é comemorado o dia de São Sebastião. A proximidade das datas deve-se ao fato do padre de Conceição da Barra ir à vila somente uma vez por ano. Nos demais dias do ano, quando o padre não vinha, as pessoas se reuniam na igreja aos domingos para cantar “ladainha” e rezar o terço (FIGUEIREDO e SÁ, 1985).

O Ticumbi é uma das marcas que ainda caracterizam as comunidades locais como *tradicionalis*. É o tempo da festa presente, do encontro marcado ano a ano, do relembrar os antepassados idos, do culto ao santo negro. Na vila de Itaúnas, é o momento de receber visitantes e parentes da região, das cidades e do “sertão”. Visitantes para a celebração ao santo do Ticumbi, São Benedito, e também ao padroeiro da vila, São Sebastião; grupos de Reis de Boi, Jongos e Alardo, que vêm prestigiar a festa e, assim, mais uma vez, e afirmar traços de identidade (FERREIRA, 2002).

Ferreira (2002) nos explica que o Ticumbi é também chamado de “Brincadeira de São Benedito” ou “Baile de Congo de São Benedito”, não só no sentido do lazer e divertimento, como também no da representação. Um de seus antigos participantes, Pedro Bongado, o levou de Conceição da Barra para o “sertão” de Itaúnas: o ***Ticumbi***

---

<sup>8</sup> Segundo Att Water (1983) São Benedito nasceu na Sicília em 1526, morreu em Palermo em 1589 e foi canonizado em 1807. O dia oficial de sua comemoração é 4 de abril.

**do Bongado.** Por volta da década de 80, Seu Antero, morador antigo da Vila de Itaúnas e também membro do Ticumbi do Bongado, resolve trazer a brincadeira para a Vila, devido às dificuldades de ensaiar na roça: nascia o **Ticumbi de Itaúnas**. Para isto, constrói uma igrejinha para ser a moradia do santo, ganho de presente vindo de turistas de São Paulo. Mais recentemente, uma nova divergência dentre os participantes da “*brincadeira dos Bongados*” fez com que surgisse o **Ticumbi de Santa Clara**, sob a liderança de Caboquinho.

A partir dessa breve apresentação, pode-se passar a dizer que há uma “Itaúnas velha” que tem a sua cultura lúdica baseada nas manifestações culturais locais, como o Ticumbi, Jongô<sup>9</sup>, Folia de Reis<sup>10</sup>, Alardo<sup>11</sup> e o “Baile de Sanfona”, que vive na memória coletiva e na tradição. Assim como, há uma “Itaúnas nova” que tem sua cultura lúdica ainda baseada nas manifestações culturais, mas também neste forró dito universitário.

Segundo observações feitas tanto no Festival de Forró de Itaúnas de 2010 quanto nas festas de comemoração dos santos, São Sebastião e São Benedito, em Janeiro 2011, pode-se perceber que no momento em que é o “lugar” do forró, é simultaneamente o “não lugar” das manifestações populares, e vice-versa. Embora se guarde as devidas dimensões, uma diferença entre os dois movimentos é que o forró parece se constituir como ferramenta de industrialização cultural que propicia o incentivo ao turismo, enquanto o Ticumbi parece se constituir como ferramenta de resistência cultural à massificação. Porém, as relações de proximidade e distanciamento entre os dois movimentos ressaltados pela pesquisa constituem a cultura lúdica local.

Ambos os elementos da cultura lúdica parecem ser os que significam Itaúnas como lugar e o fazem porque estabelecem usos e contra-usos, de forma alternada e simultânea entre os dois movimentos hegemônicos da cultura lúdica. Assim, o uso do lugar do forró (durante o FENFIT) pelas manifestações culturais tradicionais seria um contra-uso, como observado em julho de 2010, durante o período Festival. Da mesma maneira que, o uso do lugar das manifestações culturais tradicionais pelo forró durante as festividades de janeiro, seria o contra-uso desse elemento que está em seu não-lugar, o que também foi visto nas observações de Janeiro de 2011 nas festividades ligadas aos Santos. Deste modo, questiona-se nesta pesquisa quais os fluxos de sentido e quais as fronteiras entre esses dois movimentos.

---

<sup>9</sup> O jongo, também conhecido como caxambu, tambu, tambor, é percebido como uma forma de expressão poética, musical e coreográfica, praticado por comunidades localizadas na Região Sudeste que se identificam como herdeiras dos negros escravos. Na realização do jongo forma-se uma roda de dançarinos e em seu centro um solista (jongueiro) puxa os cantos (pontos), respondidos em coro pelos participantes. Disponível em: [http://www.cnfcp.gov.br/interna.php?ID\\_Secao=108](http://www.cnfcp.gov.br/interna.php?ID_Secao=108), acessado em: 07 nov. 2010.

<sup>10</sup> A Folia de Reis é uma festa religiosa que chegou no Brasil no século XVIII. Acontece entre os dias 24 de dezembro e 6 de Janeiro, no qual um grupo de cantores e instrumentistas percorrem a vila entoando versos relativos à visita dos reis magos ao Menino Jesus, passando de porta em porta em busca de oferendas ao recém-nascido. Disponível em: <http://www.brasilfolclore.hpg.ig.com.br/foliasdereis.htm>, acessado em: 07 nov. 2010.

<sup>11</sup> O alardo é folguedo que revive guerras entre cristãos e mouros. Com registro em várias localidades do Brasil, especialmente no Espírito Santo, acontece nos dias 19 e 20 de janeiro, em homenagem a São Sebastião. A elaborada coreografia inclui duas colunas de guerreiros empunhando lanças, espadas e adagas, o encontro dos embaixadores, a disputa com luta corporal, sempre vencida pelos cristãos, e o batismo dos mouros. Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/tesauro/00002049.htm>, acessado em: 07 nov. 2010.

Sobre as suspeitas levantadas acima, passamos abordar sinteticamente conceitos que as constituem. Devemos ressaltar que a terminologia de “lugar” e “não-lugar” está baseada em Marc Augé (1994), o qual destaca que o lugar se completa pela fala, a troca alusiva de algumas senhas, na convivência e na intimidade cúmplice dos locutores, se definindo como identitário, relacional e histórico, assim, um espaço que não se define deste modo definirá um não-lugar. Porém, é preciso diferenciar lugar de espaço, e para isso contamos com a contribuição de Certeau (1998) ao destacar que o espaço é um “lugar praticado”, “um cruzamento de forças motrizes”, pois são os significados dados aos signos como passantes que transformam um espaço, a rua geometricamente definida pelo urbanismo como lugar. Augé ainda destaca que a cultura se localiza no tempo e espaço de forma entrelaçado com o indivíduo.

Os termos “usos” e “contra-usos” foram conceitos tomados de Rogério Leite (2001), o qual adequou as discussões ligadas às “estratégias e táticas” à problemática dos usos políticos do espaço. Leite desdobrou os esquemas de Certeau afirmando que as “táticas”, quando associadas à dimensão espacial do lugar, constituem-se em um *contra-uso* capaz não apenas de subverter os usos esperados de um espaço regulado, mas também possibilitar que o espaço que resultantes das “estratégias” possam originar diferentes lugares, a partir da demarcação sócio-espacial da diferença e das (re)significações que esses contra-usos realizam.

Diante do exposto passamos a supor que os elementos da cultura lúdica parecem ser o que significam itaúnas como lugar, e o fazem porque estabelecem usos e contra-usos, de forma alternada e simultânea entre os dois movimentos hegemônicos da cultura lúdica. Assim, questiona-se quais os fluxos de sentido, e quais as fronteiras entre esses dois movimentos?

Para fazermos uma interlocução entre as categorias adotadas neste artigo optamos tomar como base a compreensão de Hannerz (1997) sobre Fluxo e Fronteiras. O autor salienta que “Fluxo” é um modo de fazer referência a coisas que não permanecem no seu lugar, a mobilidades e expansões variadas, à globalização em muitas dimensões, já as “Fronteiras” seriam aquilo que têm a ver com a descontinuidade e os obstáculos. Logo, a fronteira estaria claramente demarcada, envolvendo, na maior parte das vezes, formas culturais selecionadas, dicotomicamente distribuídas e compreendidas como emblemáticas da condição de membro do grupo (Forró X Movimentos das práticas tradicionais).

Uff Hannerz ainda destaca que o “Híbrido” seria uma palavra usada para se referir a situações internas às culturas, nas quais um ato ou habilidade beneficiaria dois grupos mutuamente. Canclini (2008) ressalta que não se trata apenas de estratégias das instituições e dos setores hegemônicos, seria uma “reestruturação” econômica e simbólica permitindo uma comunicação entre conhecimentos diversos como antropológicos, históricos, sociais, a fim de compreender determinado fato. Assim, hibridação parece ser a expressão mais apropriada quando queremos abarcar diversas mesclas interculturais, como no caso da vila de Itaúnas.

## 5) Relevância

Este artigo se torna relevante por contribuir como um registro histórico-cultural da vila no Sapê do Norte, tomando como base as histórias orais contadas pelos moradores

da vila, isto é, um registro mais próximo possível dos fatos vivenciados pelos moradores, abordando um olhar diferente dessas manifestações culturais.

De acordo com Andrade (2008) a apropriação simbólica do espaço acumulado de sentimentos e pertinência, o particulariza e o transforma em lugar, pois, lugar seria o redimensionamento do espaço dotado de sensações, afeição e referências das experiências vividas. Assim, as memórias são importantes registros vividos que partem das lembranças e eternizam lugares como referências e cenários para uma constante visita ao passado, trazendo em si, os mais diversos sentimentos documentados e aflorados em narrativas, sonhos e percepções. Assim, as histórias contadas, tempo a tempo, estão embasadas no meio, fundamentadas na saudade e em busca de registros e sinais da ausência que descrevem a memória do lugar.

Além disso, pretendemos gerar um material acadêmico que venha discutir a cultura popular transcrita na cultura lúdica desta região tão pouco investigada no seu âmbito sociológico e explorada ecológica e turisticamente, contribuindo com a ampliação da literatura capixaba ligada à cultura. Em âmbito direcionado à política, o material gerado a partir deste artigo poderá revelar alguns dados que possam ser utilizados como material auxiliar para possíveis políticas públicas que beneficiem os moradores de Itaúnas e incentivem projetos ligados à cultura lúdica, iniciativas direcionadas ao folclore e à cultura popular na tentativa de auxiliar a manutenção dessa cultura.

Segundo Maurice Halbwachs (2006) as lembranças são construídas das relações de interação dos bens materiais e imateriais, sendo reconstruções a partir do presente, engajando as relações que estão sendo vividas. As lembranças permanecem coletivas, pois são lembranças despertadas por outras pessoas, outras coisas e outros fatos, mesmo que se trate de acontecimentos particulares. A memória coletiva só existe e permanece enquanto prática se fizer parte do cotidiano das pessoas. Com personagens diferenciados e específicos, a dispersão dos atores pode desencadear um processo de esquecimento e desaparecimento de uma expressão cultural.

Como cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, este ponto de vista muda conforme o lugar que ali se ocupa, além deste lugar mesmo mudar segundo as relações que se mantém com os outros meios, pode-se afirmar que a memória dos habitantes da “velha Itaúnas” não seria lembranças individuais, mas sim lembranças de uma comunidade que ali vivia, dos familiares que os cercavam e dos fatos vividos na vila.

## **6) Considerações Finais**

Nossas impressões preliminares são bastante promissoras quanto ao andamento da pesquisa são promissoras. As primeiras discussões envolvem tanto um olhar mais apropriado sobre a cultura e a cultura Lúdica. Ainda temos muitas questões a discutir na pesquisa, mas as contribuições de sociólogos, antropólogos e autores da área do Lazer têm sido de imensa valia para vislumbrarmos uma trajetória promissora.

Este material produzido retrata parte da história da vila Itaúnas, a qual tem traços marcantes dessa necessidade da memória, pois fisicamente Itaúnas velha foi soterrada e seus a memória seria a fonte mais confiável para descrever à história desse passado. Deste modo, através da narrativa oral pode-se ter contato com este passado, além das

percepções, representações e interações que aquele lugar tinha com cada narrador. Percebemos que ao rememorar, o indivíduo reconstrói aquele lugar, a cultura lúdica, as pessoas que ali estavam e os objetos que os cercavam, ou seja, a vila que foi “soterrada” é revivida através das lembranças de seus antigos moradores.

## 7) Referências

- ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das letras, 2008.
- ANDRADE, Cyntia. *Lugar da memória... memórias de lugar: patrimônio imaterial de Igatu, Andaraí, BA. PASSOS (Revista de Turismo y Patrimônio Cultural)*. Vol.6, nº 3, p. 569-590, 2008.
- ATTWATER, Donald. *Dicionário dos Santos*. São Paulo: Círculo do Livro Ltda. 1983.
- AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas, SP: Papirus, 1994.
- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*.
- BOSI, Alfredo (Org.). *Cultura Brasileira: Temas e situações*. . 4 ed. São Paulo: Editora Ática. Série Fundamentos, 2004.
- BOSI, Ecléia. *Cultura de Massa e Cultura popular: leitura de operárias*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade*. 4.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- CASCUDO, Luis da C. *Dicionário do folclore brasileiro*. São Paulo: Itatiaia, 1988.
- CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano: As artes de Fazer*. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- COSTA, Christina Rotsworowski. *O Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwid e sua Viagem ao Brasil (1815-1817)*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, SP: 2008.
- CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. 2 ed. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- FERREIRA, Simone Raquel Batista. *Da fartura à escassez: a agroindústria de celulose e o fim dos territórios comunais no Extremo Norte do Espírito Santo*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo, SP: maio, 2002.

- \_\_\_\_\_ *Territorialidade Quilombola do Sapê do Norte- ES*: Contribuição da geografia agrária na identificação de Territórios Étnicos. Anais do XIX Encontro Nacional de Geografia Agrária, São Paulo, 2009. p. 1-34.
- FIGUEIREDO, Heoísa Dias; SÁ, Rômulo Cabral de. *Itaúnas: Vento... Areia... Tempo!* IJSN\_ Instituto Jones Santos Neves (Revista). Ano IV, nº 04. Out/ Dez de 1985. Vitória, Espírito Santo. p. 34-37.
- FONSECA, Hermógenes Lima. *O espírito Santo cultural e seu folclore*. Cadernos de Cultura. Secretaria Cultural, UFES e Prefeitura Municipal de Vitória, Vitória, 1993.
- GAZONI, Jeferson. *Em busca da Marã-Ey-Me*: Valoração econômica do Parque Estadual de Itaúnas/ES. Brasília – DF, Julho/ 2006. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Sustentável, área de concentração em Política e Gestão Ambiental \_ Universidade Federal de Brasília. Centro de. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, 2006.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- GUIMARÃES, Márcia Segal Barbosa *et al.* *O Conceito de Longue Durée e a percepção de Mudança Cultural em Sociedades Iguais*: O Caso da Sociedade Sambaquiã. Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 15-16: 445-448, 2005- 2006.
- HANNERZ, Ulf. *Fluxos, fronteiras, híbridos*: palavras-chave da antropologia transnacional. *Mana* [online]. 1997, vol.3, n.1, p. 7-39.
- LEITE, Rogério Proença. *Contra-usos da Cidade: Lugares e espaços públicos na experiência urbana contemporânea*. 2 ed. Campinas: Editora UNICAMP, 2007.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no Pedaco*: Cultura Popular e Lazer na Cidade. 3 ed. São Paulo: Editora Hucitec/ UNESP, 2003.
- \_\_\_\_\_ *Os circuitos dos jovens urbanos*. Tempo Social, Revista de Sociologia da USP, v. 17, n. 2. 2005. p. 173-205.
- MARTINS, Julia Salvador ; MOLINA, Silvia Maria Guerra . *Turismo e a emergência de novas territorialidades*: o caso de Itaúnas- ES. *Iluminuras - Espaço, territorialidade e memória*, v. 22, p. 01-16, 2008.
- MEDEIROS, Rogério. *Ticumbi: A força do folclore capixaba*. Reportagem transcrita de A Gazeta, Caderno 2, 19 de Janeiro de 1977. Conceição da Barra. Sub-reitoria Comunitária, UFES, 1984. Folheto 4.
- NEVES, Guilherme Santos. Ticumbi. *“Ticumbi –Dança guerreira”*. In: *Folclore* 1(4):1, jan-fev, 1950.

- PACHECO, Renato e NEVES, Luis Guilherme Santos. *Índice do Folclore Capixaba*. Vitória: Banestes, 1994.
- PACHECO, Renato. “Pesquisas Folclóricas no Espírito Santo”. In: *Século*, Vitória, ano I, número 6, agosto de 2000.
- PORTO, Clara Prado Marques. *Folclore e Autenticidade*: Um estudo antropológico sobre o Ticumbi em Itaúnas – ES. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 2006. Dissertação de Mestrado em Sociologia com concentração em Antropologia \_ Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, 2006.
- QUADROS JUNIOR, Antonio Carlos de; VOLP, Catia Mary. **Forró Universitário**: a tradução do forró nordestino no sudeste brasileiro. Motriz, Rio Claro, v. 11, n. 2, p. 127-130, maio/ago. 2005.
- QUEIROZ, Manika Mello. *Ticumbi, Entre o Congo e os bamba*: Ambiguidades e significados deste folguedo no triênio 2006-2008 – ES. Vitória: UFES/CHN, 2008. Dissertação de Mestrado em História Social das Relações Políticas \_ Universidade Federal do Espírito Santo, 2008.
- RICCO, A.S.; ETCHEBEHERE JUNIOR, L. Os moradores da Vila de Itaúnas: história e cultura. *Tempo & Memória*, v.7, p. 77-95, 2007.
- ROSA, Maria Cristina. *Festa, lazer e cultura*. Campinas, SP: Papirus, 2002.
- ROSADO, D. G.; KOWALSKI, M.. *Tempo Livre - Lazer - Esporte e Ócio*. In: IX seminário Lazer em Debate, 2008, São Paulo. IX Seminário "O Lazer em Debate". São Paulo: Plêiade, 2008.
- SAHLINS, Marshal. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- THOMPSON Paul. *A voz do passado: história oral*. . 2ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

## 8) Fontes

- ❖ Acesita.
- ❖ Aracruz Celulose. Disponível em: [http://www.aracruz.com.br/show\\_press.do?act=news&id=1000873&lang=1](http://www.aracruz.com.br/show_press.do?act=news&id=1000873&lang=1). Acessado em:
- ❖ Brasil Folclore. Folia de Reis. Disponível em: <http://www.brasilfolclore.hpg.ig.com.br/foliasdereis.htm>. Acessado em: 07 nov. 2010.

- ❖ Centro Nacional do Folclore e da Cultura. Ministério da Cultura. Jongo. Disponível em: [http://www.cnfcp.gov.br/interna.php?ID\\_Secao=108](http://www.cnfcp.gov.br/interna.php?ID_Secao=108). Acessado em: 07 nov. 2010.
- ❖ Centro Nacional do Folclore e da Cultura. Ministério da Cultura. Alardo . Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/tesauro/00002049.htm>. Acessado em: 07 novembro de 2010.
- ❖ Guia de Itaúnas. Disponível em: <http://www.guiaitaunas.com.br/Ver%C3%A3o.htm>. Acessado em: 15 de Setembro de 2010.
- ❖ Guia de Itaúnas. Disponível em: <http://www.guiaitaunas.com.br/Edi%C3%A7%C3%A3o14/Tr142.htm>. Acessado em: 17 de novembro de 2010.
- ❖ Pedro canário. Disponível em: Extraído de: [http://pedrocanario.com/index.php?option=com\\_content&task=view&id=17&Itemid=15](http://pedrocanario.com/index.php?option=com_content&task=view&id=17&Itemid=15). Extraído em: 20 de Abril de 2011.
- ❖ Secretaria da Cultura do Espírito Santo. Patrimônio natural: Bens Naturais Tombados. Disponível em: [http://www.secult.es.gov.br/?id=/patrimonio\\_cultural/patrimonio\\_natural](http://www.secult.es.gov.br/?id=/patrimonio_cultural/patrimonio_natural). Acessado em: 28 de Janeiro de 2010.